



VESTÍGIOS SOBRE *ALEGRIA BREVE*, DE VERGÍLIO FERREIRA, NOS MEIOS DE CIRCULAÇÃO DO LITERÁRIO NO BRASIL

VESTIGES ON *ALEGRIA BREVE*, BY VERGÍLIO FERREIRA, IN THE MEANS OF LITERARY CIRCULATION IN BRAZIL

SANTOS, Gledinélío Silva¹

Resumo: O diálogo estabelecido entre as literaturas de língua portuguesa, sobretudo entre Brasil e Portugal, mostrou-se bastante profícuo ao longo do tempo. O que, de um lado, revela o interesse dos leitores e da crítica pelos autores e suas obras. E, por outro, representa a própria dinâmica econômica das editoras pela busca, expansão e manutenção de novos mercados. O presente artigo busca, num primeiro momento, identificar os vestígios sobre o romance *Alegria Breve*, de Vergílio Ferreira, em periódicos nacionais. E, num segundo momento, analisar a relação estabelecida entre o autor português e a crítica literária brasileira, levando em consideração os registros de como se deu a circulação da obra vergiliana em questão e a sua receptividade.

Palavras-chaves: Crítica. Circulação do Literário. Periódicos. *Alegria Breve*. Vergílio Ferreira.

Abstract: The dialogue established between Portuguese-language literatures, especially between Brazil and Portugal, has proved quite fruitful over time. Which, on the one hand, reveals the interest of readers and critics by the authors and their works. And, on the other, it represents publishers' own economic dynamics of searching, expansion, and maintenance of new markets. The present article seeks, in a first moment, to identify the vestiges about the novel *Alegria Breve*, by Vergílio Ferreira, in national periodicals. And, secondly, to analyze the relationship established between the Portuguese author and the Brazilian literary criticism, taking into account the records of how the circulation of the Vergilian work in question took place and its receptivity.

Keywords: Criticism, Literary Circulation, Periodicals, *Alegria Breve*, Vergílio Ferreira.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Estudos de Literatura pelo PPGLit/UFSCar. E-mail: g.nelio@hotmail.com.



Introdução

Ao olharmos de passagem pela origem e a consolidação da Literatura Brasileira é perceptível o diálogo estabelecido entre os autores brasileiros e portugueses e as influências oriundas dessa relação – e que, entretanto, não caberiam enumerá-los aqui, tamanha extensão. Se de um lado é possível afirmar que tal relação revela o interesse dos leitores e da crítica pelos autores e suas obras, em certa medida. Por outro, esta mesma relação representa a própria dinâmica econômica das editoras pela busca, expansão e manutenção de novos mercados². O escritor português Vergílio Ferreira (1916-1996) é um bom exemplo dessa relação. Sua vasta obra, geralmente dividida em ficção (romance, conto), ensaio e diário, costuma ser agrupada em dois períodos literários: o Neo-Realismo³ e o Existencialismo⁴; sendo

Mudança (1949) considerada a obra que marca a transição entre os dois períodos.

O movimento de passagem entre os períodos literários supracitados é igualmente referenciado como uma ruptura, e como não poderia deixar de ser em um evento traumático, as consequências desse rompimento deixou marcas profundas na biografia de Vergílio Ferreira e, porque não dizer, na história da literatura portuguesa. Muitas delas, inclusive, trazidas à tona e motivadas pelo próprio Vergílio em periódicos portugueses e numa série de Diários publicados de 1980 até 1994: *Conta-Corrente I, II, III, IV, V; Pensar; Conta-Corrente – nova série I, II, III, IV*. Uma das polêmicas mais marcantes e, por isso mesmo, sempre lembrada é a desavença entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres – poeta, ensaísta, romancista e professor, tido como uma das vozes mais sarcásticas e picarescas da literatura portuguesa, também conhecido como o “terrível Torres” –, em decorrência de uma

² Como observado por Régis Debray em *Curso de midialogia geral* (1993): “[...] o livro foi, logo de saída, uma mercadoria e, no final de contas, o objetivo do impressor, humanista ou não, não é a leitura, nem o texto, mas a venda. Sempre houve comércio do bem simbólico. O que é novo é a subordinação franca e nítida da produção à distribuição, ou a colocação a montante do mercado” (p. 236).

³ Corrente literária de influência italiana que, em Portugal, sofre nítidos ecos de alguns componentes da literatura brasileira (FERREIRA, 1981, p. 160), especificamente os da denúncia das injustiças sociais do romance nordestino. O que, em parte, ajuda a compreender o seu intervencionismo social, atenuado pelo pós-guerra e pela sedução dos sistemas socialistas. Consolidando-se como um movimento que vai além de uma corrente intelectual e de uma resposta aos movimentos artísticos em voga, o Neorealismo ficou conhecido como a expressão de uma solidariedade ante o sofrimento do povo português agravado pela ditadura. Uma literatura cuja essência é

ser, antes de tudo, um “documento humano fixado no Ribatejo”, como bem destaca Alves Redol (2006, p. 31). Sobre a relação de Vergílio Ferreira e o movimento Neorrealista, consulte-se, ainda, os ensaios de Luci Ruas Pereira (1992) e Vitor Viçoso (2011).

⁴ Em linhas gerais, o Existencialismo é uma corrente filosófica dos séculos XIX e XX que tem na sua base a ideia de que o pensamento filosófico começa com o sujeito humano, não tão-somente o sujeito pensante, mas as suas ações, sentimentos e a vivência de um ser humano individual. Nessa perspectiva, a sensação de desorientação e confusão face a um mundo aparentemente sem sentido e absurdo, requer do indivíduo uma tomada de decisão, igualmente denominada de “atitude existencial”.



crítica feita pelo segundo ao livro de estreia de Almeida Faria, *Rumor Branco* (1962), prefaciado por Vergílio Ferreira.

Ao ser analisada a construção da imagem de Vergílio Ferreira e o reflexo da mesma na visão da crítica brasileira e como isso aparece na recepção da sua obra, cabe ainda levar em consideração o ano de publicação do romance *Alegria Breve*, 1965; ou seja, meados do Regime Salazarista⁵ em Portugal, também conhecido como Estado Novo. Sobretudo pelo serviço de censura prévia às publicações periódicas, emissões de rádio e de televisão, e fiscalização de publicações não periódicas nacionais e estrangeiras, que, aos olhos do Regime, visava proteger permanentemente a doutrina e a ideologia do Estado Novo em defesa “da moral e os bons costumes”.

Fundamentado nesses dados, no primeiro momento, identificarei os vestígios sobre a obra de Vergílio Ferreira em questão, em periódicos nacionais e, num segundo momento, analisarei a relação estabelecida entre o autor português e a crítica brasileira, levando em consideração os registros de como se deu a circulação da obra vergiliana em questão e a sua receptividade. Espera-se que ao término do presente exposto tal

pesquisa possa colaborar com os estudos da obra vergiliana, alargando, assim, a visão que se tem da mesma e dos estudos sobre suportes de inscrição e meios de circulação do literário.

Estágios da obra de Arte e o Ser e Dever-ser do artista

Ciente de que uma obra, seja ela literária ou de arte, não se realiza por completo quando finda o processo laboral do autor, isto é, incluindo nesse processo tanto a criação, quanto a produção, distribuição, venda, *marketing*, entre outras ações até chegar ao público final; é pertinente termos em mente a função dos meios de circulação do literário para compreendermos como se dá a relação autor-obra-crítica-leitor. Ora, se aceitarmos a hipótese sobre a questão da difusão sublinhada por Zumthor (1993), ao alegar que: “[...] o valor de uso da escrita se reduz na medida em que o manuscrito não pode ser um meio de difusão massivo” (p. 110), a mesma lógica pode ser aplicada ao texto literário, se acaso ele não contar com a devida divulgação, a propagação e a sua multiplicação.

Para além de uma discussão sobre a natureza da crítica literária, o resultado último da sua atividade tende a fornecer uma visão que ultrapassa os limites-possibilidades do texto literário, ou, daquilo que o texto nos diz em si mesmo. Em outras palavras, a

⁵ Salazarismo (Estado Novo) foi o regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos sem interrupção, desde a aprovação da Constituição de 1933 até a sua derrocada pela Revolução de 25 de Abril de 1974, igualmente conhecida como Revolução dos Cravos.



crítica pode ser tanto uma ponte de aproximação do leitor para com a obra literária, quanto um elo entre ambos ao escrutinar aquilo que escapa aos olhos num primeiro contato e que, somente uma pesquisa mais aprofundada tente a revelar.

Dada à importância da crítica na difusão de uma obra, compreender de que modo a imagem construída sobre o romance *Alegria Breve*, de Vergílio Ferreira, perpassa pelo escrutínio sobre os vestígios da mesma nos jornais brasileiros da época. Observando, assim, o distanciamento ou as nuances relativas ao seu lugar de origem, em comparação ao que se fixou na extremidade oposta do atlântico. Ou seja, de que modo o romance *Alegria Breve* é recebido no Brasil e o que é possível dizer sobre tal obra em contraste com aquilo ela trouxe consigo ao cruzar o Atlântico. Sobretudo, porque, se os “[...] objetos etnográficos e obras de arte podem ser vistos em si mesmo e também seguindo sua mutação identitária ao passar de um contexto a outro” (CANCLINI, 2012, p. 107), o mesmo pode ocorrer com uma obra literária, haja visto que os interesses e o referencial simbólico distam daqueles de onde tal obra se origina, bem como pelos locais onde passou anteriormente.

Ao desvincular-se do Neo-realismo, Vergílio Ferreira não apenas rompeu com os fundamentos ideológicos de uma corrente artística e a estética vigente. O deslocamento

do foco social para a condição humana em sua obra, ou, do Outro para o Eu, pode ser compreendido como uma antecipação feita por Vergílio Ferreira de uma reflexão mais profunda sobre o Homem, em uma época em que o pós-guerra lançou por terra todas as certezas e esperanças. Na perspectiva de uma antevisão da Arte sobre o que está por vir, Néstor Canclini sublinha que “[...] a arte é o lugar da iminência. Seu atrativo procede, em parte, do fato de anunciar algo que pode acontecer, prometer o sentido ou modificá-lo com insinuações” (CANCLINI, 2012, p. 19).

Ou seja:

Ao dizer que a arte se situa na iminência, postulamos uma relação possível com “o real” tão oblíqua ou indireta quanto na música ou nas pinturas abstratas. As obras não simplesmente “suspendem” a realidade, mas se encontram em um momento prévio, quando o real é possível, quando ainda não se desfez. As obras tratam os fatos como acontecimentos que estão a ponto de ser (CANCLINI, 2012, p. 20, grifos do autor).

É justamente na possibilidade desse real aparentemente oculto ou não perceptível por todos, em que a Arte se situa, que o autor supracitado a sublinha como um agente enunciativo. Para efeito ilustrativo, a reação e as consequências para com tal atitude do artista assemelham-se com a postura dos acorrentados da caverna platônica, guardada as devidas proporções. O aceite e a recusa são partes constitutivas de um processo que, uma vez iniciado, se torna irreversível. Como



se, a partir da percepção dessa realidade eminente, ocorresse uma dicotomia com a mesma, causando uma fissura irreparável entre ambos os lados. Assim como a ruptura traumática com o Neo-realismo deixou marcas indeléveis na biografia e, por conseguinte, na obra de Vergílio Ferreira.

Ora, se de um lado Alexandre Pinheiro Torres (1963, p. 3) não poupou sua ironia sobre a opção estética de alguns escritores portugueses ao afirmar que “[...] o existencialismo nas letras portuguesas, sob a alta tutela de Vergílio Ferreira, está presentemente a viver um grande momento de euforia”, e que “os romancistas metafísicos florescem com exuberância equatorial num terreno tão propício do mundo luso contemporâneo”. Em contrapartida, Vergílio Ferreira sentenciou que:

[...] o neo-realismo que os catequistas patarrecas nos querem impor está morto. Mal ou bem, cumpriu a sua missão, mas está morto. E se de facto não morreu, vive apenas numa agonia que se prolonga, porque um certo condicionalismo se não modificou ainda. A sua influência fez-se sentir, sem dúvida, largamente. Mas creio que se esgotou. Ou porque julga Torres que não tem freguesia lá na tenda (FERREIRA, 1963, p. 9).

Para além das rugas que visões opostas tendem a resultar, o que se eterniza ou se perpetua ao longo do tempo não é outra coisa senão a multiplicidade de olhar e perspectivas sobre aquilo que poderia se

perder na homogeneidade. Daí a importância daquele olhar subjetivo do artista, capaz de permitir ao espectador/leitor a visão de um novo mundo ao contemplar a sua obra.

Via de regra, o objeto de um escritor, ou, a matéria que um autor transformará em um texto literário, encontra-se no seio de sua vida, nas cercanias das suas experiências pessoais, e/ou na daqueles com quem se relaciona. Em outras palavras, “[...] a literatura e a arte dão ressonância a vozes que procedem de diversos lugares da sociedade e as escutam de modos diferentes de outros, fazem com elas algo distinto dos discursos políticos, sociológicos ou religiosos” (CANCLINI, 2012, p. 54). Em resumo, é a partir do seu ponto de vista que novos horizontes se abrem para o leitor, expandido ainda mais o seu campo de visão sobre a realidade que o cerca e, inclusive, sobre si mesmo; na medida em que, em decorrência desse processo, um novo Eu se releva diante do surgimento de um novo mundo.

Numa entrevista concedida a Waldir Ayala para o *Correio da Manhã* (RJ), o escritor português Rogério de Freitas enfatiza o sentimento de responsabilidade que o escritor de modo geral sentia pelo homem: “[...] a sua missão nascia das contradições sociais que o feriam na sua sensibilidade. A partir de então o **engagement** tornou-se-lhe quase obsessivo, a ponto de acusar de inimigo do homem todo aquele que trilhasse



estrada diferente” (FREITAS, 1996, p. 4, grifos do autor). E que, apesar de os problemas morais e sociais afetarem os escritores, de modo geral, o compromisso do escritor era, sobretudo, com a literatura:

O dever para o verdadeiro artista não existe. E não existe porque aí, na sua arte, o dever é a adesão total da pessoa que é aquilo que exprime. Assim sendo, tal dever não implica uma ordem, não é pois realmente um dever, porque é o seu modo total de ser, uma indiscutibilidade desde o sangue, como o é a sua própria pessoa. Logo, não se lhe há de pregar como deve realizar a sua arte, mas inventar-se-lhe uma pessoa que êle não é, já que é uma pessoa ‘inconveniente’ [...]. Se a arte inequivocamente fala a voz invencível e profunda da liberdade, só há um processo de a afirmação e dignificar que é esse mesmo de consentir que ela seja livre (FERREIRA *apud* FREITAS, 1966, p. 4).

Tamanha liberdade em ser aquilo que é, sem o dever de ser, se coloca nessa perspectiva como a essência de todo aquele que se dedica à literatura enquanto ofício. Em posse dessa perspectiva ou não, Vergílio Ferreira lançou-se em um novo caminho estético e temático, a despeito das represálias sofridas e as consequências resultantes na relação estabelecida entre a sua obra e o público leitor. Diante dessas considerações, é pertinente analisar de que modo a crítica brasileira acompanhou as vozes da crítica literária portuguesa, ou como as particularidades inerentes aos que compõe a relação autor-obra-crítica-leitor se comportam, face a outras circunstâncias e

contextos.

Vestígios da crítica brasileira: imagem do autor *versus* análise de sua obra

“Os contemporâneos muitas vezes são os piores intérpretes de uma obra”
Boris Schnaiderman⁶

A busca pela análise dos vestígios de *Alegria Breve* na Hemeroteca Digital Brasileira, filtrando o período de 1960 a 1969, obteve: 57 ocorrências sobre o verbete “Vergílio Ferreira”, e 18 ocorrências sobre o verbete “*Alegria Breve*”. Num total de 208 acervos, 17 periódicos fazem referência ao primeiro verbete (sendo 11 periódicos do Rio de Janeiro, 2 do Paraná, e os demais do DF, PE, RN e SP); e 11 periódicos fazem referência ao segundo (sendo 9 do RJ, e os outros 2 de SP e DF). Dentre os jornais pesquisados, *O Correio da Manhã* (RJ) é aquele com maior número de referências a Vergílio Ferreira, sendo que das 13, apenas 4 trazem alguma análise mais profunda sobre o autor português e sua obra, enquanto os demais apenas citam de passagem uma informação ou outra. Todavia, a maior recorrência sobre o romance *Alegria Breve* aparece em notas informativas, como, por exemplo, na coluna de José Condé intitulada “Escritores e Livros”, onde o romance de Vergílio Ferreira em questão é destacado

⁶ Sobre a recepção de “*Memórias do subsolo*”, de Fiódor Dostoiévski, em “Prefácio do tradutor”.



como um dos maiores êxitos da literatura portuguesa de 1966 (Cf. CONDÉ, 1966, p. 2).

Não obstante a insatisfação permanente de Vergílio Ferreira por achar que os seus contemporâneos não lhe prestavam a devida atenção nem o coroavam de reconhecimento, descambando tamanha insatisfação em agressões verbais de todo tipo em diversos meios de circulação, interessa-me, aqui, analisar a recepção da sua obra pela crítica brasileira e os vestígios sobre os desdobramentos da relação autor-obra-crítica-leitor, com o fito de entender quais foram os reflexos da ruptura de Vergílio Ferreira com os Neo-realistas em terras brasileiras.

Conforme se pode constatar na resenha de Cursino Raposo sobre “*O romance Português Contemporâneo (1930-1964)*”, de Fernando Mendonça, publicada no *Correio da Manhã* (RJ), de 1968, a atenção reivindicada por Vergílio Ferreira não sobreveio de modo esperado – apesar de Mendonça classificá-lo em sua obra como “[...] o maior estilista português depois de Eça de Queirós” (MENDONÇA *apud* NEVES, 1966, p. 62). Segundo Raposo:

Este é, infelizmente, o capítulo mais fraco da tese, quando deveria ser o mais forte, não só por focalizar alguns dos atuais ficcionistas lusos de significação universal, como, por exemplo, Vergílio Ferreira e Almeida Faria, como também por tratar da

fase do romance português menos estudada (RAPOSO, 1968, p. 44).

Comentários observados em edições anteriores noticiam a publicação das obras de Vergílio Ferreira e demais autores portugueses, o que assegura evidências concretas de que o contato e o fluxo com tais autores e obras compunham a ordem do dia na cena literária brasileira. Em uma delas, a ressalva feita por Adolfo Casais Monteiro, no *Correio da Manhã*, em um artigo intitulado “Um caminho à parte”, aponta para a necessidade de observar os desdobramentos da ruptura de Vergílio Ferreira com o Neo-realismo, a fim de constatar a exata noção do caminho novo que se abriu para uma literatura que, segundo Monteiro, não mostrara a que veio:

Acabei o meu artigo anterior sintetizando como amadorística a atitude dos romancistas neo-realistas portugueses. Mas essa afirmação exige, não um corretivo, mas uma especificação: a de considerar agora o caso de alguns poucos que, aos olhos do público, talvez sejam na mesma neo-realistas, mas aos seus próprios, pelo menos, sempre mantiveram certa reserva em relação ao movimento em questão. [...]. O contraste maior está precisamente em que Vergílio Ferreira é, ao contrário de todos os neo-realistas, um autor que evolui – e não por mero acaso, digamos, de aperfeiçoamento pela insistência (tem sete romances publicados, desde 1944), mas por um experimentar e reexperimentar incansável, e só por si digno do maior respeito, numa época que viveu sob o signo da irresponsabilidade, e dado precisamente o caso de Vergílio Ferreira ter surgido na literatura como, pelo menos, um *compagnon de route* dos neo-realistas



(MONTEIRO, 1960, p. 8).

Monteiro avaliou àquela altura o romance *Aparição* (1959), tido pela crítica da época, e a contemporânea, como a obra magna de Vergílio Ferreira. Sem deixar de observar, contudo, o entusiasmo dos seus pares ao classificar o romance em questão como o ponto alto da literatura portuguesa no período salazarista, vendo-se “[...] lamentavelmente obrigado a pensar que isso só pode significar o estado de crise em que ele tem estado, e a modéstia de ambição da crítica profissional” (MONTEIRO, 1960, p. 8). E, apesar de não ver a força de *Aparição*, seja na forma ou no conteúdo, ao término de sua crítica, ressalta que “[...] honra seja ao autor em qualquer caso, pela nobreza da sua absorção em problemas que elevam toda a sua obra a um nível muito superior ao habitual na nossa literatura do presente” (MONTEIRO, 1960, p. 8). Conforme apontado por Rogério de Freitas (1966), Vergílio Ferreira foi o primeiro escritor português que teve a coragem de enfrentar uma posição na modernidade com suas obras.

Não à toa, de 1966 a 1969, Valdemar Cavalcanti publicou uma série de notas, resenhas e sessões inteiras em sua coluna “Jornal Literário”, de *O Jornal* (RJ), que vão de agradecimento à direção do Grêmio Nacional dos Editores e Livreiros de Lisboa,

pelo envio ao colunista de “exemplares de edições recentes de obras da melhor categoria literária” (CAVALCANTI, 1966, p. 2), incluindo o romance *Alegria Breve*, de Vergílio Ferreira, pela cobertura conferida à I Exposição do Livro Português, em 1966; até a publicação de duas antologias de contos de escritores portugueses contemporâneos, dentre eles Vergílio Ferreira, “Ambas por sinal que excelentes, organizadas de bom gosto e destinadas a oferecer a posição atual da história curta nas letras portuguesas de nossos dias” (CAVALCANTI, 1968b, p. 2). Uma delas é *Contistas Portugueses Modernos*, de João Alves das Neves (edição Samambaia, 1968), e a outra, *Antologia do Moderno Conto Português*, de Temístocles Linhares (edição da Civilização Brasileira, 1968); ambas com estudos introdutórios e notas bibliográficas sobre os autores antologados; a programação do *II Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa*, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, com exposição do professor Antônio Jesus da Silva sobre Vergílio Ferreira e a técnica do romance (CAVALCANTI, 1968a, p. 2); e uma coluna comemorativa aos “25 anos de Vergílio Ferreira”, na edição de nº 14209, do dia 4 de janeiro de 1969; exaltando “um escritor que chega, consagrado, aos vinte e cinco anos de exercício da ficção, com o nome incluído entre os grandes de seu país,



de sua geração e de seu tempo” (CAVALCANTI, 1969, p. 2). Carregada de adjetivos, que, como de praxe em todo texto laudatório, Vergílio Ferreira é definido como “admirável prosador”, “contista e romancista notável, pelo frescor da imaginação e poder de evocação, ensaísta vigoroso, de penetrante espírito de análise”. Sublinha, ainda, que não poderia haver homenagem melhor do que o lançamento de uma edição de luxo de *Aparição*, “revestida de características gráficas excepcionalmente requintadas, com uma série de ilustrações de Júlio Resende” (CAVALCANTI, 1969, p. 2).

Constantemente, os jornais noticiam o êxito do romance português mundo afora com notas curtas do tipo: “Os modernos escritores portugueses *continuam* a ser traduzidos em vários países europeus” (Cf. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1969, edições nº 9 e nº 19), destacando a tradução francesa de *Alegria Breve*, e a previsão de tradução para outros idiomas. Todavia, o curioso é perceber que, assim como a atenção e o reconhecimento de Vergílio Ferreira se deram de modo tardio em terras brasileiras, como dito anteriormente, o mesmo parece ter ocorrido com os jovens escritores que aderiram, de uma forma ou de outra, a estética do *Nouveau Roman*, pois, segundo José Condé, em um artigo publicado no *Correio da Manhã*:

Se um Vergílio Ferreira (*Aparição*, *Alegria Breve*, etc.) é lido pelas elites intelectuais do Brasil, que o colocam, a justo título, entre os mestres da novelística contemporânea em Portugal, com possíveis influências – estilísticas e “existenciais” – do *Nouveau Roman* francês, alguns de seus discípulos ou seguidores mais jovens são, praticamente, ignorados entre nós (CONDÉ, 1967, p. 3, grifos do autor).

Um dos jornais com maior ocorrência de citações ao verbete “Vergílio Ferreira” é *O Estado de São Paulo*, em sua coluna “Suplemento Literário”. De 1957 (ano de lançamento do ensaio *Do mundo original*) a 1971 (ano de lançamento do romance *Nítido Nulo*), notas, colunas, meia-páginas e matéria de capa trazem menções a Vergílio Ferreira, assinadas por Óscar Lopes (“O neo-realismo amadurece”), Massaud Moisés (“O romance português”, “O absurdo da Morte”, “Um romance de atualidade”), Julio Garcia Morejón (“nota”), Jorge de Sena (“Ensaísmo crítico em Portugal”), e Fernando Mendonça (“Romances exemplares”, “Vergílio Ferreira: 25 anos de vida literária”, “Projeção internacional do romance português”). Este último se refere aos escritores Fernando Namora e Vergílio Ferreira da seguinte forma:

Iniciados num realismo social de tendências acentuadamente participantes, acabam por desaguar no estuário da incomunicação, menos o primeiro que o segundo, virado definitivamente para o tema da aparição. Fernando Namora, ainda que também absorvido pelas perplexidades da relação humana, nunca perdeu de vista



o significado geral dos homens (MENDONÇA, 1969, p. 1, grifos do autor).

Se a incomunicação de Vergílio Ferreira e Fernando Namora representa a crise literária em Portugal referida pela crítica portuguesa e brasileira ou não, isso não fica evidente e sequer é mencionada por Massaud Moisés e Nelly Novaes Coelho. O primeiro dedica duas colunas de uma página inteira ao romance *Alegria Breve*, intitulada “Romance e Absurdo”; e a segunda encerra a última página do jornal trazendo em letras garrafais o questionamento “Alegria Breve, romance ou mito?”.

Seja em virtude da passagem do tempo e as novas perspectivas que o distanciamento confere à visão, e/ou pelo amadurecimento da escrita no transcurso de cinco anos, o fato é que a opinião de Massaud Moisés sobre a obra de Vergílio Ferreira destoa significativamente da atenção dedicada pelos demais críticos brasileiros. O absurdo subscrito no título do seu artigo, ao contrário da visão comum de uma privação da racionalidade, diz respeito, justamente, à reflexão sobre o conflito entre a inclinação humana pela busca de algum significado que seja inerente à vida e a sua inabilidade para encontrá-la. Em suas palavras:

No término da leitura de *Alegria Breve* (Lisboa, Portugal, 1965), último romance de Vergílio Ferreira, a primeira impressão

que me acode ao espírito é a seguinte: trata-se duma obra complexa e perturbadora, certamente mais do que as anteriores do mesmo autor. Tão complexa e perturbadora que a sua análise completa transbordaria dois limites impostos pelo jornal (MOISÉS, 1966, p. 4).

Como dito, Nelly Novaes Coelho ultrapassa, na medida do possível, os limites impostos a Massaud Moisés, dedicando uma página inteira à análise do romance de Vergílio Ferreira. Ao observar o conjunto de ensaios de sua autoria, Carlos Burlamáqui Kopke observa, em seu comentário sobre “A literatura portuguesa no ensaio brasileiro”, que: “só mesmo um espírito sófico, armado de racionalidade hierarquizante e reflexiva, como de Nelly Novaes Coelho, pode apreender os conflitos, e desvairamento das forças desconhecidas que [...] constituem um universo dominado pelo simbólico” (KOPKE, 1974, p. 5). Os resultados da busca em questão sugerem que, como quase tudo que necessita passar pelo período de maturação, o distanciamento concernente ao objeto investigado não diz respeito somente ao lugar do investigador no tempo e no espaço, mas, a outra lógica nesse processo que se assemelha a um aproximar-se, a ouvir e ver atentamente o que o autor tem a nos dizer. Isso se reflete tanto no texto de Nelly Novaes Coelho, publicado em 1973, quanto nas duas páginas de Massaud Moisés, “‘Eros’ e ‘mythos’: o romance de Vergílio Ferreira”, publicadas no “Suplemento



Literário” após o transcurso de exatos sete anos da sua primeira leitura de *Alegria Breve*. Massaud Moisés analisa o romance *Rápida, a Sombra* (1974), de Vergílio Ferreira, e a relação entre mythos-Eros e romance-burguesia, debruçando-se sobre a fusão do romance e ensaio.

Segundo Nelly Novaes Coelho, ao apresentar o lançamento de *Alegria Breve* em edição brasileira, em um mundo onde os mitos estão destruídos e/ou não mais existem, “[...] o herói vergiliano se ergue agora como o homem inaugural que emergindo os destroços se erigisse em nova gênese. Fim e começo nele confluem com a ambivalência própria da realidade humana” (COELHO, 1973, p. 6). E prossegue, ressaltando que:

Publicado em 1965, três anos após Estrela Polar (onde Vergílio Ferreira torna evidente o impossível conhecimento do “outro” em sua autêntica verdade, e a *solidão ontológica* do “eu”) *Alegria Breve* ultrapassa a angústia existencial que ali se expressa e ascende para a conquista de uma “serenidade” que, compreendida em sua essência, dará a chave de sua problemática (COELHO, 1973, p. 6).

Nelly Novaes Coelho chama ainda a atenção em seu texto para o interesse da elite intelectual europeia sobre a obra de Vergílio Ferreira, o que me leva a supor e imaginar o quanto esse dado contribuiu para aumentar a atenção pela obra do autor português. Conforme supracitado na observação de

Carlos Burlamáqui Kopke, sobre a necessidade de uma racionalidade hierarquizante e reflexiva, uma análise primária da pesquisa em questão, leva a supor que a recepção da obra de Vergílio Ferreira seguiu por um caminho distinto em relação à literatura de massa. Ou, em outras palavras, os vestígios encontrados até aqui permitem entender que a obra de Vergílio Ferreira galgou o seu espaço a custo de um diálogo constante entre a crítica literária e um público leitor seletivo, ou, pertencente a uma elite intelectual e acadêmica. O que corrobora com a hipótese inicial de um fluxo contínuo, ou de um diálogo permanente entre a literatura portuguesa e a crítica brasileira registrado em jornais da época.

Conclusão

Ao gozar de uma certa notoriedade no velho continente, tanto *Alegria Breve* como as demais obras ficcionais e ensaísticas de Vergílio Ferreira foram recebidas, sim, com alguma expectativa pela crítica e, possivelmente, pelos leitores que acompanhavam suas colunas nos jornais levantados nesta pesquisa⁷. Ainda que passível de contestação, é possível afirmar

⁷ Para uma melhor compreensão sobre o interesse crescente da obra de Vergílio Ferreira no Brasil, consultar: *O discurso à procura do discurso: estudo dos romances de primeira pessoa de Vergílio Ferreira* (1973), de Maria Lucia Dal Farra; *Significantes narrativos na ficção de Vergílio Ferreira* (1973), de Aniceta de Mendonça; e *Vergílio Ferreira: a ficção e o ensaio* (1977), de João Décio.



que tais expectativas foram contempladas, de um modo ou de outro, como se pôde perceber em alguns excertos.

Minha hipótese de que o tempo e a distância poderiam ser fatores determinantes para compreendermos a constituição da relação aqui problematizada, mostrou-se sustentável, como não poderia deixar de ser, quando levamos em consideração a receptividade de uma obra de Arte ou uma obra literária. Considerando a busca com base na divisão periódica da Hemeroteca, de 1960 a 1969, os vestígios encontrados em nossa pesquisa exigem um alargamento na escala temporal e uma pesquisa de maior fôlego, para fins de um estudo mais aprofundado sobre a receptividade da *Alegria Breve*. O que não significa dizer que a empreitada não tenha atingido seus objetivos ou sequer tenha levantado dados relevantes para a análise proposta.

Referências

AYALA, Waldir: Rogério de Freitas: informação sobre o novo romance português. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1966. n° 22502. 2° Caderno, p. 4. Entrevista concedida a Waldir Ayala pelo escritor português Rogério de Freitas.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. São Paulo: Edusp, 2012.

CAVALCANTI, Valdemar. Coluna “Jornal Literário”, In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 nov. 1966, edição n° 13842. Caderno 2, p. 2.

_____. Coluna “Jornal Literário”, In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 nov. 1968a,

edição n° 14209. Caderno 2, p. 2.

_____. Coluna “Jornal Literário”, In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 dez. 1968b, edição n° 14481. Caderno 2, p. 2.

_____. Vergílio Ferreira: 25 anos na ficção. Coluna “Jornal Literário” de **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 jan. 1969, edição n° 14501. Caderno 2, p. 2.

COELHO, Nelly Novaes: *Alegria Breve*, romance ou mito? In: “**Suplemento Literário**” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 1973. Ano 18, n° 807, p. 6.

CONDÉ, José. Escritores e Livros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1966, Edição 22507. Caderno 2°, p. 2.

_____. Phocion Serp. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 mar. 1967, n° 22684. Caderno 2°, p. 3.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O discurso à procura do discurso**: estudo dos romances de primeira pessoa de Vergílio Ferreira. 1. ed. SÃO PAULO: (tese de Mestrado, mimeografada - Gráfica da Universidade de São Paulo), p. 1973. 173.

DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 236.

DÉCIO, João. Vergílio Ferreira: a ficção e o ensaio. São Paulo: Século XXI, 1977.

FERREIRA, Vergílio. **Alegria breve**. Lisboa, Bertrand / Amigos do Livro, TV-Guia, 1986.

_____. **Um escritor apresenta-se**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.

_____. Palavras finais. Tréplica de Vergílio Ferreira, **Jornal de Letras e Artes**, 20 fev. 1963, p. 9.

FREITAS, Rogério de. *Entrevista*. In: AYALA, Waldir: Rogério de Freitas: informação sobre o novo romance português. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1966. n° 22502. 2° Caderno, p. 4.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 abr.



1969, Edições 00009. Caderno B. p. 3.

KOPKE, Carlos Burlamáqui. A literatura portuguesa no ensaio brasileiro. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 fev. 1974. nº 862, p. 5.

LOPES, Óscar. O neo-realismo amadurece in “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 1957. Ano 1, nº 50, p. 2.

MENDONÇA, Aniceta de. **Significantes narrativos na ficção de Vergílio Ferreira**. 1974. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo.

MENDONÇA, Fernando. Romances exemplares. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 9 mai. 1964. Ano 9, nº 379, p.4.

_____. Vergílio Ferreira: 25 anos de vida literária. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 3 ago. 1968. Ano 12, nº 588, p.1.

_____. Projeção internacional do romance português. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 mar. 1969. Ano 13, nº 617, p.1

MOISÉS, Massaud. O absurdo da Morte. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 ago. 1960. Ano 4, nº 193, p.4

_____. O romance português. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 3 out. 1959. Ano 3, nº 151, p.3.

_____. Romance e Absurdo. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 mai. 1966. Ano 10, nº 478, p.4.

_____. Um romance de atualidade. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 out. 1961. Ano 6, nº 252, p. 6.

_____. ‘Eros’ e ‘mythos’: o romance de

Vergílio Ferreira. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 jun. 1983. Ano 9, nº 158, p. 10.

MONTEIRO, Adolfo Casais: Um caminho à parte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, nº 20759, dia e mês. 1960, p. 8.

NEVES, João Alves das. Literatura. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 out. 1962. Ano 7, nº 300, p.2

_____. Três ficcionistas e um ensaísta. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 fev. 1966. Ano 36, nº 13273, p. 62.

PEREIRA, Luci Ruas. Vergílio Ferreira e o Neo-Realismo. In: **Anais do XIII Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, Fundação José Bonifácio, Fund. Cultural Brasil-Portugal. 1992

RAPOSO, Cursino: O romance português contemporâneo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1968. nº 23086. 4º Caderno, p. 44.

REDOL, Alves. **Gaibéus**. 20 ed. Lisboa: Caminho, 2006.

SENA, Jorge de. Ensaísmo crítico em Portugal. In “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 mai. 1961. Ano 5, nº 230, p. 1

TORRES, Alexandre Pinheiro, *Rumor Branco de Almeida Faria*, **Jornal de Letras e Artes**, 30 de janeiro de 1963.

VIÇOSO, Vítor. **A narrativa no movimento Neo-Realista**: As vozes sociais e os universos da ficção. Lisboa: Colibri, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 110.